

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 3 / Julho / 88

"E HOJE É JÁ OUTRO DIA"

E hoje é já outro dia. Certo. Real. Grande.

Caminhou-se da expectativa, da aposta e da incerteza para a realidade do conseguido.

O Instituto Politécnico da Guarda tomou uma maior dimensão. Ganhou o seu espaço próprio; arrelgou-se no meio físico, social e intelectual; impôs-se como centro de saber, pensar e de fazer. O Instituto Politécnico da Guarda corresponde já às expectativas daqueles que o justificam - os estudantes. Por isso se tornou grande. Control-se hoje o amanhã que não tarda.

"Educação e Tecnologia" é hoje, no final de mais um ano lectivo - testemunho precioso de uma realidade pautada pela dinâmica que é também o apanágio desta Escola. E porque emerge do centro da vida do Instituto Politécnico da Guarda reflecte-a, naturalmente, também na sua autenticidade social e académica. Como espaço aberto, é dinâmica. Porque é dinâmica, é variada e polivalente. Pretendíamos que o fosse; sabemos que é. Estamos certos que continuará a sê-lo.

**"E outra vez conquistemos a distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa"**

(Fernando Pessoa)

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do I.P.G.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

O MILITAR E A ÉPOCA

BREVE APONTAMENTO

Helder Sequeira — Professor

" Amel sempre a Pátria e nunca fui traidor. Perdoem-me todos, e vocês soldados que foram sempre a minha gente, continuem a servir a Pátria como sempre e serviram portugueses. "

Ao estudarmos o período posterior às Invasões Francesas, em que mais se demarcou a predominância inglesa na vida política e económica portuguesa, a figura de Gomes Freire de Andrade, aparece-nos indissociavelmente ligada ao processo que culminou em 18 de Outubro de 1817.

Um dia que não será totalmente estranho aos acontecimentos de 1820 e à definição de novos rumos para Portugal.

" *A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado* ". Sublinha Marc Bloch ⁽¹⁾. O insigne historiador acrescenta depois: " *é tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos* ". ⁽²⁾.

Portugal foi abalado pelas Invasões Francesas. O seu território foi cercado pela fúria avasaladora dos exércitos que deixaram marcas sangrentas da sua passagem.

Em 9 de Dezembro de 1807, Junot dirigia-se aos habitantes de " *Reyno de Portugal* " através da seguinte proclamação: " *hum exercito Francez vai entrar sobre o vosso território. Este exercito vem para salvarvos da dominação Ingleza: elle faz marchas dobradas afim de que se lhe evite á sua bella cidade de Lisboa asorte de Copenhague, poram esta ves a esperança do perfido Guerreiro Inglês será frustada.*

(1) - Introdução à História. Public. Europa-América, 3ª edição, p. 42

(2) - Ob. cit., p. 42

Napolião, que tem junto à sua vista a sorte do Continente, tem visto o poder, que os tiranos dos mares já premeditavão em seu coração. Elle não sofrerá que esta Cidade caia em seu poder. O Príncipe Regente declarou a Guerra à Inglaterra, então façamos Cauza Comum. Não tenhaes vós receio, habitantes dos Campos, o meu Exercito tem tanta disciplina, como valor, eu respondo pela minha honra, e seu bom comportamento. He precizo, que elle ache em todos os lugares da sua passagem a bõa recepção, que se lhe deve, como aos soldados de Napolião, o Grande (...)" (3)

Mas o bom comportamento não se fez sentir. As populações viviam momento a momento o pavor da guerra, as monstruosidades das pilhagens, escutando o macabro som dos tamboros franceses. A situação politica, económica e financeira agravava-se vertiginosamente. *"Uma corte substitui logo a outra que se sumiu no mar. É uma multidão doirada, cheia de galões: generais, mulheres e com isto saque, intriga, riso e loucuras. É a Delaborde, governador de Lisboa, o cúmulo da ladroetra; é Ega, criatura duvidosa, em quem se pega como num trapo; é um eclesiástico, o Principal Castro, misto de homem de Governo e de homem da Igreja, ninharia e sotaina. (...) Por baixo um governo de rodilhas. É o aventureiro que vende a espada e o patriarca que negoceia com Deus". (4)*

A partida da família real para o Brasil torna mais complexo o rumo dos acontecimentos. A Inglaterra começa a exercer uma notória influência na vida do país. A 30 de Agosto de 1809 o texto da Convenção de Sintra era já elucidativo.

" Art. 1. - Todas as praças e fortes no reino de Portugal, ocupados pelas tropas francesas, serão entregues ao exército britânico no estado em que se acharem ao tempo da presente Convenção. (...)

Art.12. - As fortalezas de S.Julião, Bugio e Cascais serão ocupadas pelas tropas britânicas, à ratificação da Convenção ". (5)

De nada serviu o protesto de alguns dos vultos militares da época. A preponderância britânica não se apagaria sem opposição persistente. Nos dizeres de Oliveira Marques *"quatro anos de guerra haviam deixado o País em situação miserável. As invasões e a ocupação francesa devastaram boa parte de Portugal, sobretudo a norte do Tejo. A agricultura, o comércio e a indústria foram profundamente afectadas, já sem falar das perdas em*

[3] - Raul Brandão - El Rei Junot, Porto, 1912, pp. 55-56

[4] - Raul Brandão, ob. cit., p. 164

[5] - Referido in ob. cit., pp. 317 - 320

[6] - O general Bernardino Gomes Freire de Andrade assumiu uma posição antagónica à Convenção de Sintra. Nela protesta em geral pela falta de contemplação que se teve neste tratado com a sua alteza real e príncipe regente, ou e o governo que o representa; por tudo o que pode ser atentório à autoridade soberania e independência do mesmo governo; por tudo o que pode ser contraditório à honra, segurança e interesse da nação e particularmente contra o que se acha estipulado " .

vidas, das crueldades habituais e das destruições sem conto. (...) Num País como Portugal, tais perdas sentiram-se profundamente (...) " (7)

O panorama político sofreu profundas alterações. As circunstâncias atribuíram-lhe uma fria feição de conteúdo lusitano. " *Para mais as invasões francesas deixaram Portugal numa situação política especialíssima. De 1808 a 1821, o País passou a ser, quer um protectorado inglês, quer uma colónia brasileira. O Governo central manteve-se no Rio funcionando em Portugal uma regência sómente (...)* . A regência mantinha intactos os antigos métodos de governação não mostrando qualquer disposição de os adaptar ao ideário moderno. Continuou a perseguição feroz a todos os liberais. Através do País o descontentamento contra o rei, os ingleses e a regência eram acompanhados por uma situação económica e financeira deplorável. Por toda a parte lavrava um fermento revolucionário que bem depressa conduziria à rebelião " . (8)

Esta seria avivada pelas ideias liberais que eram espalhadas pelas mais diversas formas. Merece destaque a acção dos jornais portugueses publicados em Londres pela colónia portuguesa fugida aos franceses e, outrossim, por publicações editadas no Brasil. Podemos mencionar o *Correio " Brasiliense "*, o *"Investigador"*, o *"Campeão Português"*, etc.

É este tipo de imprensa que vai desbravar o terreno para a sementeira liberal, apoiada pela acção das lojas maçónicas que, embora severamente fustigadas pela força oficial, achavam uma extraordinária multiplicação.

" Data precisamente de 1808 a primeira tentativa liberal de consciencialização política dos problemas nacionais. Em que consistiu ela? Em o Juiz do Povo, o tanoeiro José Abreu Campos, na sua ' súplica ' apresentada a Junot (...) ter pedido além do mais: ' uma constituição e um rei constitucional ' " (9)

O povo sempre sentiu a dureza das realidades. Mais uma vez a História nos aponta um exemplo que poderá evocar um Fernão Vasques, arauto de sentimento popular. Também nessa altura, o *' pobboo assi levantado, posto em trabalho de falar tam grandes duvidas '*, (10) apreendia o peso das circunstâncias específicas. Dirige o seu olhar, em geito de súplica, para algumas figuras que teremos oportunidade de referir neste modesto trabalho.

Por essa altura, a regência era composta pelo Marquês de Borba, Patriarca de Lisboa, Marquês de Olhão, Conde de Peniche e D. Miguel Pereira Forjaz. O marechal Beresford possuía um poder paralelo e de certo modo distinto, dado ter recebido (aquando da sua permanência no Brasil), poderes independentes da Regência. Isto pode explicar o seu trabalho na organização geral do exército e a consequente mobilização de

(7) - in História de Portugal, Palas Editores, 1975, vol. II, p. 580

(8) - Oliveira Marques - História de Portugal, 1975, vol. II pp. 580 - 81

(9) - J. Serrão, Dicionário de História de Portugal, vol. II, pp. 732 - 734; Nessa petição é referido ainda que as nossas colónias, fundadas por nossos avós e com o seu sangue banhadas, sejam consideradas como províncias ou distritos, fazendo parte integrante do Reino.

(10) - Crónica de D. João I, Fernão Lopes, Ed. Seara Nova, 1973, 12ª. ed.

braços, arrancados à agricultura, indústria e comércio, caracterizados como salientamos, por uma débil situação.

A Beresford, pouco lhe interessava a extensão da gravidade; preocupava-se mais com o seu soldo de oficial estrangeiro e com o seu renome.

" (...) *Nem as primeiras tentativa de liberalização em Espanha (1808 - 1814), Constituição de Cádiz de 1812, provocaram a mínima mudança, mesmo temporária das estruturas políticas ou económicas em Portugal, vigorando sempre o regime que se mantinha há mais de um século - a monarquia absoluta. O País foi o menos atingido pela influência revolucionária que a presença dos soldados franceses exerceu, em menor ou maior escala em toda a parte onde Napoleão os conduziu.*"⁽¹¹⁾

Deste modo, todo aquele que fosse portador de ideias contrárias, de novos pensamentos, era colocado sob um círculo de interrogação e desconfiança. Seria um adepto da " *instalação do Sistema das Cortes* " ?

Apercebemo-nos, neste quadro, de uma figura: General Gomes Freire de Andrade ⁽¹²⁾. Valoroso oficial serviu na Legião Portuguesa, (corpo de tropas posto ao serviço da política napoleónica), nas guerras aventurosas pelo domínio da Europa, da Espanha à Rússia, cujos coponentes se cobriram muitas vezes com a glória das armas. Este período marcou-o e influenciou o seu regresso a Portugal.

Nesta primeira fase, e como escreveu Raul Brandão, "*tudo ele é impulso e bravura, lealdade e irreflexão. A resistência irrita-o. Julga e sentencia logo. Tem o coração ao pé da boca e uma bolsa onde todos metem as mãos. No seu regimento, oficiais e soldados adoram-no.*" ⁽¹³⁾

" ARCHIVO DO MINISTERIO DA GUERRA - Os officiaes do regimento de Freire no Roussillon e o seu commandante: "*Senhora - Os Officiaes e Cadetes do Reg.^{to} de Infantaria de Freire abacho assignados, tem a honra de representar a Vossa Mag.^{de} cheios de submissão e respeito, que havendo servido as duas passadas Campanhas com todo o valor e distincção, adquerindo nova gloria pellas armas, junto ás Bandeiras, que V. Mag.^{de} foi servida confiar-lhes, elles reconhecem e confeção, que esta mesma Gloria se deve em g.^{de} parte aos distintos conhecimentos militares de um Chefe que adorão, e que agora com disgosto de todos lhes he roubado, recebendo aviso para se derigrir emediatemente à Corte. Se esta Ordem, Augustissima Senhora, não tem por objecto o maior adiantamento do ditto Chefe, ou se em outra parte o não pede o interesse do Rial Serviço de V. Mag.^{de} e terá a sua origem de alguma affectada informação dada contra o seu Coronel, os Suplicantes levados do amor que elle lhes merece, requerem a V. Mag.^{de} humildemente (impenhado se he preciso todos*

(11) - Victor de Sá, A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820 - 1852), ed. Seara Nova, 1974, 2ª. edição, pp. 37 - 38.

(12) - Ver biografia

(13) - A Consagração de 1817 - Porto, 1914, pp. 14 - 15

os seus serviços feitos e por fazer) que V. Mag.^{de} se sirva conservar-lhes o mesmo Chefe admitindo-o a qualquer justificação que elle pretenda dar da sua conducta militar, sendo nella imparcialmente ouvida toda a Corporação deste exercito, para que assim possa chegar ao Rial Trono de V. Magestade a verdade com toda aporeza. Portanto = P. os Suplicantes a V. Mag.^{de} que por efeitos da sua incontestavel justiça assim lhes defira. (...)"

Contudo as suas aventuras no estrangeiro, os seus contactos ajudam a ver nele um traidor, um inimigo da Pátria.

A sua vinda para Portugal foi morosa e difficil. Houve que atenuar óbices, agir com cuidado. Nisso muito contribuiu António de Sousa Falcão, a quem, numa carta, desabafou Gomes Freire ter procurado "os meios para desenvencilhar-me de cá, pois eu sou e serei sempre Português". (14)

Gomes Freire sentiu a amargura da vida num país distante, a saudade da Pátria que era sua. "A minha consciência e honra de nada me acusam. Fui desgraçado. Se ser desgraçado é crime, confesso que sou um grande criminosos, e que mereço castigo, mas se a desgraça e os trabalhos que se padecem por querer ser útil a pátria merecem contemplação, creio que mereço algum Com que quero que me digas como amigo e parente (pondo de parte o ministro e secretario de Estado) se voltando para Portugal me obrigarão a justificar-me perante um Desembargador ficando prezo durante o tempo da justificação, ou se posso voltar a Lisboa sem que se uze comigo semelhante procedimento." (15)

Ao regressar, finalmente, a Lisboa, trazia a disposição de "pendurar a espada". Mas a seu temperamento combativo e inconstante, uma certa vaidade de julgar que ainda desfrutava, o prestígio que conduziria ao desempenho da missão eminente acima das correntes doutrinárias, então efervescentes, levam-no a envolver-se na Conspiração de 1817, de que afinal (como acentuaremos) havia de ser a vítima mais destacada.

"O povo segue-o com os olhos - diz a policia ...Debalde lê ou escreve um livro sobre a guerra da península (carta de António Falcão) - surpreende-se a falar, a discutir os actos do governo. É, ainda que não queira, o chefe de todos os descontentes. Poucos dias passou na Betra em casa dos condes de Bobadella. Aluga em Lisboa ao cimo da rua do Salitre, junto ao chafariz do Rato, uma casinha onde vive com Mathilde de Mello". (16)

O povo continua a sofrer, a sentir as indiferenças dos poderosos, a miséria em que está mergulhado, o flagelo da desgraça. Vem no general um libertador (neste plano poderíamos inquirir até que ponto não estará implícita uma evocação de se-

[14] - Ob. cit.

[15] - Ob. cit., p. 81. Carta a Miguel Forjaz

[16] - Raul Brandão - A Conspiração de 1817, Porto, 1914 p. 113

bastianismo), uma esperança no amanhã, uma modificação da sua vida.

" A polícia suspeita. E elle fala ... Fala porque conspira? Não, fala porque está habituado a dizer o que sente e como o sente, ao primeiro impulso. Destingue ainda sonho. Vem da destruição, traz sangue nas mãos, a boca sabe-lhe a desgraça e a grandeza. Sae do quadro napoleónico, da retrada da Russia, vem dos gritos, do espectáculo que ainda hoje, atravez dos liuros, enche as almas d'assombro; conheceu o Homem e os seus satélites deitando oiro pelas janellas fóra e vivendo a vida larga, totalmente fóra da convenção e da regra - atravessou a mortanda-de, a dor, o incendio, o tropel, a miscelanea feroz - e cae no formalismo, na regencia, numa sociedade hirta onde tudo se es-piona e que parece ter engulido um cabo de vassoura. E pequenas rivalidades, intrigas, Beresford, a delação premiada, e as coisas mais simples, que lá fóra foram varridas ha que tempos pelo mesmo vendaval, dizendo-se batxinho, de ouvido para ouvido ... Não se entendem. Não é por Gomes Freire "jalar mal o portuguez" - é que as suas ideias são outras. A lingua é a mesma: os sentimentos divergem. Não cabe naquelle mundo minúsculo que o repele. É impetuoso, diz o que sente: os seus compatriotas são reservados ".⁽¹⁷⁾

A nível de membros da Regência, as relações não eram as melhores, como aliás noutros campos; a inveja, o ódio, a insegurança, minavam. O marechal Beresford vê em Freire de Andrade um oficial com grande prestígio que poderia fazer-lhe frente. Para alguns, D. Miguel Pereira Forjaz, pretendia utilizar o oficial português contra o Marquês de Campo Maior.

Apesar de tudo esta interacção não está suficientemente esclarecida e transparente. O próprio desenlace final e a acção de alguns elementos da Regência geram incoerências na desmontagem de algumas realidades. O tempo passava. O ambiente pesado avolumava a sua dimensão. A tensão ameaçava uma explosão violenta.

" A descoberta da conspiração foi devida a uma denúncia e esta à imprudência de um dos conjurados: os alferes de infantaria 3, António Cabral Calheiros, aliciado para ela em princípios de Abril, logo no dia 15 desse mês, abancando com uns amigos no café Martare, de Lisboa, quis mostrar-se bem informado. Fanfarrão, linguareiro, tonitroava ameaças. O rei, os governadores, Beresford, tudo seria corrido dentro em breve. E mostrava uma proclamação incendiária ".⁽¹⁸⁾ Um dos presentes, o oficial João Pinto de Moraes Sarmiento, maçã ligado à Filantropia, encontrou-se com um outro militar igualmente maçã, o capitão José de Andrade Corvo de Camões, elucidando-o do sucedido.

Desencadeia-se a partir desse momento todo um processo de oposição ao movimento conspirativo. Beresford, homem enérgico, actuou utilizando elementos volúveis nas suas convicções, mais preocupados com o aspecto material do que

[17] - Ob. cit., p. 117

[18] - Damião Peres - História de Portugal, Portucalense Editora, Barcelos, 1935, vol. VII, p. 27

com a sua honra e consciência. O ódio de alguns dos governadores do Reino abateu-se igualmente sobre Gomes Freire de Andrade. " Tu conheces como eu o nosso governo arbitrário o despótico; a maioria dos Governadores é composta de homens bons, porém estão influídos pelo Príncipe ... s ..., " diria Gomes Freire, em carta a António de Sousa Falcão.

Os acontecimentos precipitam-se. A ordem de prisão não se faz esperar, como refere Raul Brandão na " Conspiração de 1817 ". "As prisões efectuam-se na noite de 25 de Maio, com grande aparato de forças mas as formadas nas fronteiras".

" Constando-se que se tem maquinado a subversão da Monarquia para se introduzir em lugar do Governo legítimo e suave d'El Rey Nosso Senhor hum Conselho denominado Regenerador, em que os facciosos possuem dispoe arbitrariamente do Real Erário, honra e vida e fazendo dos fiéis vassallos d'estes Reinos: Manda S.M. que para se acutelarem os sanguinosos e funestos estragos dos mesmos reinos, sejam logo presos o tenente General Gomes Freire de Andrade, o barão d'Eben, (...) " (19)

A sorte está decidida. A conspiração foi degolada, D. Miguel Pereira Forjaz, em nota anexa ao processo salienta que não " escape hum principalmente ". E esse, era Gomes Freire sobre quem tinham convergido alguns olhares de esperança. Ao povo, o Governo de então esclareceu em portaria (20); "Alguns Traidores com opprobrio da lealdade hereditária dos portuguezes, conceberam o louco e destestável projecto de se estabelecer um governo revolucionário, procurando com falsos e affectados pretextos, que por si e por seus adherentes espalhavam no público, encobrir os verdadeiros fins d'um plano que realizando-se precipitaria o reino nos horrores da anarquia e renovaria as scenas de sangue que em nossos dias affligiram a desgraçada França " . (21)

Com isto se justificava a forma repressiva, desenvolvida com esta ' utilitas publica ' ; com isto se pretendia ocultar toda uma razão, uma verdade. No fogo da injustiça se consumiram, desse modo, alguns valores, baluartes de novas ideias, denunciando as injustiças sociais e políticas do tempo.

A sentença surgiu. Os Governadores exigiam celeridade na resolução do processo. Por outro lado, havia interesse em que a forma brutal da resposta não fosse olvidada.

" Com atroz lentidão se foi executando a sentença. Não houve pressas. Felizmente há luar ... ' observara D. Miguel Pereira Forjaz ao Intendente da Polícia, em carta do próprio dia 18. E com efeito, foi o luar de uma linda noite de Outubro, que indiferentemente às paixões, às lutas, à maldade dos homens, iluminou o final da que lúgubre espectáculo. De madrugada ainda crepitavam as chamas das fogueiras, acabando a sua obra de reduzir a cinza os míseros a quem a sentença negara o direito à sepultura " . (22)

(19) - Ref. in a Conspiração de 1817, p. 147

(20) - Portaria de 3 de Junho de 1817

(21) - Cit. in A Conspiração de 1817, Porto, 1914 p. 163

(22) - Damião Peres - História de Portugal, Ed. Barcelos, vol. VII, p.3

O apelo ao Rei fora impedido. Interessava, a todo o custo, abafar a conspiração. Nos últimos momentos, Gomes Freire diz:

" Amei sempre a Pátria e nunca fui traidor. Perdoem-me todos, e vocês soldados que foram sempre a minha gente, continuem a servir a Pátria, como sempre a serviram portugueses ".⁽²³⁾

A 18 de Outubro de 1817 o facto consumara-se. Gomes Freire morreu inocente? Por certo não estava isento de toda a culpa. *" Gomes Freire - como escreve Damião Peres - não morreu inocente. Contudo é manifesta a desproporção entre o delito e o castigo (...) Tudo quanto se provou, foi que tinha recebido em sua casa alguns dos conjurados e os escutara, prometendo agir no momento oportuno. Não tomara parte em nenhuma reunião, não estabelecera planos, não colaborara activamente na preparação da revolta "*.⁽²⁴⁾

Para Joaquim Veríssimo Serrão *" O liberalismo transformou Gomes Freire e as outras vítimas da conjura em mártires da liberdade, enquanto a corrente tradicional ainda hoje o eleva caso um traidor à Pátria e à coroa. Esse um debate histórico que a 170 de distância continua vivo na alma portuguesa "*.⁽²⁵⁾

O " holocausto " de Gomes Freire de Andrade, e dos seus companheiros, não foi esquecido. Felizmente havia luar. A semente não caiu em campo estéril, e a sua germinação não tardará a surgir.

APONTAMENTO BIOGRÁFICO

Gomes, Freire de Andrade nasceu, em Viena de Áustria, a 27 de Janeiro de 1757.

Filho do diplomata Ambrósio Freire de Andrade e de uma senhora pertencente à aristocracia da Boémia, Gomes Freire estudou naquela cidade e veio para Portugal em 1782, como alferes do Regimento de Peniche.

Participará, mais tarde, na expedição Luso-Espanhola contra Argel (1784), esteve na Rússia, quatro anos depois, combateu na Campanha do Rossilhão (1794).

Em 1801, já com o posto de Tenente - geral, luta na guerra contra Espanha.

Em 1803 vemo-lo envolvido nos motins de Campo de Ourique (sendo já nesta época elemento de Maçonaria) e em 1808 integra a Legião Portuguesa como combatente ao Serviço de Napoleão Bonaparte.

Em 1815 volta a Portugal. Morre a 18 de Outubro de 1817.

[23] - Cít. in A conspiração de 1817, Porto, 1914, p. 333

[24] - História de Portugal, Portucalense Editora, Barcelos, 1895 vol. VII, p. 36

[25] - Serrão, J. Veríssimo - História de Portugal, Editorial Verbo, 1984, Vol. VII, pp. 125 - 126

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, Pedro - " Novos Documentos para a História da Conjuração de Gomes Freire ", in Boletim da Segunda Classe da Academia de Ciências, vol. XVIII, Lisboa, 1932
- Brandão, Raul - A Conspiração de 1817, Tip. da Emp. Literária e Tipográfica, Porto, 1914
- Costa, A. Neves - A Traição de Gomes Freire, Lisboa, 1935
- Marques, Oliveira - História de Portugal, Palas Editores, 1975
- Oman, Charles - A History of the Peninsular War, 7 vol., Oxford 1902 - 30
- Pereira, Angelo - D. João VI, Príncipe e Rei, vol. IV, Lisboa, 1958
- Peres, Damião - História de Portugal, Portucalense Editora, Barcelos, 1935
- Sá, Victor de - A Crise do Liberalismo e as principais manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820 - 1852), Seara Nova, 1974, 2^a. ed.
- Serrão, J. Joaquim Veríssimo - História de Portugal, Editorial Verbo, 1984, Vol.
- Serrão, Joel - Dicionário de História de Portugal.